

BELMIRO OCEÂNICO: O SIMBOLISMO DAS ÁGUAS NA OBRA-PRIMA DE CYRO DOS ANJOS

BELMIRO OCEÂNICO: THE WATER SYMBOLISM IN CYRO DOS ANJOS'S MASTERPIECE

Celia Tamura*

Mestre em Teoria e História Literária -
Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP
celiatamura111@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo propõe-se a analisar o papel das águas na composição do romance *O amanuense Belmiro* (1937), de Cyro dos Anjos (1906-1994). O elemento líquido adquire um estatuto mágico na prosa ficcional do autor mineiro, contribuindo para a construção da atmosfera mítica, ao lado de outros recursos, como a música ou a literatura. Por meio de estudos como *A psicanálise do fogo* (1949) e *A água e os sonhos* (1942), de Gaston Bachelard, é possível revelar a função lírica das águas na literatura de Cyro dos Anjos.

Palavras-chave: Cyro dos Anjos; *O amanuense Belmiro*; Romance Brasileiro; Água na literatura.

ABSTRACT: This paper intends to analyze the role of water in Cyro dos Anjos' novel *O amanuense Belmiro* (1937). The liquid element gets a magic statute on the fictional prose of this writer that contributes to construct the mythical atmosphere, besides other resources, like music or literature. Gaston Bachelard's studies like *La psychanalyse du feu* (1949) and *L'eau et les rêves* (1942) make possible to reveal the lyric function of water within Cyro dos Anjos' literature.

Keywords: Cyro dos Anjos, *O amanuense Belmiro*; Brazilian Novel, Water in Literature.

A evocação de sensações visuais, sonoras e olfativas enriquece a composição de *O amanuense Belmiro*, por meio de imagens que tornam o romance de Cyro dos Anjos tão atraente ao leitor, por sua forte beleza poética. Cada elemento retratado apresenta-se revestido de uma aura espiritual, sendo que o fato cotidiano garante, a partir da facilidade de visualização, o acesso à compreensão de sentimentos e reflexões filosóficas mais abstratas. Nenhum desses elementos

*O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

encontra-se solto dentro do texto; cada qual exerce sua função na obra, colaborando para ilustrar o estado espiritual do amanuense.

A água é um dos elementos da natureza que exercem um papel chave no romance *O amanuense Belmiro*. Também para Gaston Bachelard, esta é uma substância bastante identificada com a imaginação, o devaneio e o poético, ideia desenvolvida ao longo do livro *A água e os sonhos*.

A água, agrupando as imagens, dissolvendo as substâncias, ajuda a imaginação em sua tarefa de desobjetivação, em sua tarefa de assimilação. Proporciona também um tipo de sintaxe, uma ligação contínua das imagens que libera o devaneio preso aos objetos. (BACHELARD, 2002, p. 13)

Para Bachelard, “o cosmos é, de certa maneira, tocado de narcisismo. O mundo quer se ver”. (BACHELARD, 2002, p. 31) Dessa forma, a personagem Belmiro encontra espelhos de suas reações emocionais em elementos da natureza, sobretudo na água. Na opinião de Bachelard, o próprio devaneio sai da natureza, assim como uma matéria fielmente contemplada produz sonhos. (BACHELARD, 2002, p. 55) Reside, aí, a função poética: dar uma nova forma ao mundo que só existe poeticamente quando é incessantemente reimaginado. (BACHELARD, 2002, p. 71) A existência do elemento material é imprescindível para que um devaneio encontre prosseguimento e resulte em uma obra escrita. “Para que não seja simplesmente a disponibilidade de uma hora fugaz, é preciso que ele encontre sua matéria, ou seja, um elemento material que lhe dê sua própria substância, sua própria regra, sua poética específica”. (BACHELARD, 2002, p. 4) “Sonha-se antes de contemplar. Antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com uma paixão estética as paisagens que vimos em sonho.” (BACHELARD, 2002, p. 5)

A referência às águas ocorre em todo o romance, por meio de líquidos como a bebida alcoólica – embora esta seja associada ao elemento fogo – , mais especificamente o chope, ingerido frequentemente por Belmiro e seus amigos, no Bar do Parque, por exemplo. O vinho, no aniversário de trinta e oito anos, é degustado acompanhado do jantar preparado por Emília. O estado de embriaguez chega a trazer soluções provisórias a problemas, ao promover a tranquilidade de

quem ingere a bebida alcoólica. Gaston Bachelard discorre acerca dos efeitos do álcool sobre o inconsciente, em seu livro *A psicanálise do fogo*, concluindo que “quem bebe álcool, pode queimar feito o álcool”. (BACHELARD, 2008, p. 137) A bebida tem um efeito direto no inconsciente, criando possibilidades de devaneio, ao desprendê-lo das amarras da lógica, revela Bachelard. O efeito do álcool é apreciado por Belmiro: “Soou a campainha, mandando encerrar o expediente. Apanhemos o chapéu e apressemo-nos. O Florêncio nos espera, no local do costume, para o chope do costume. O chope é uma solução, pelo menos por algumas horas”. (ANJOS, 2002, p. 221) Ou, em outra passagem, logo no início do romance:

Separamo-nos, no portão do Parque, e, a caminho de casa, fui ruminando as idéias de Silviano. Mas o chope me faz versátil, e minha atenção logo se desviou para outras coisas. A euforia que o chope traz! A vida se torna fácil, fácil. (ANJOS, 2002, p. 23)

Para Bachelard, a bebida alcoólica é um forte criador de possibilidades espirituais, um importante aliado dos sonhos e dos delírios.

Em particular, o inconsciente é uma realidade profunda. Enganamo-nos ao imaginar que o álcool vem simplesmente excitar possibilidades espirituais. Ele cria verdadeiramente essas possibilidades. Incorpora-se, por assim dizer, àquilo que se esforça por se exprimir. Sem dúvida nenhuma, o álcool é um fator de linguagem. Enriquece o vocabulário e libera a sintaxe. Com efeito, para retornar ao problema do fogo, a psiquiatria reconheceu a frequência dos sonhos do fogo nos delírios alcoólicos; mostrou que as alucinações liliputianas estavam sob a dependência da excitação do álcool. [...] Baco é um deus bom; ao fazer divagar a razão, impede a anquilose da lógica e prepara a invenção racional. (BACHELARD, 2008, p. 128-129)

Além da bebida, o lança-perfume também contribui para o efeito alucinógeno durante o baile de Carnaval, propiciando a visão de Arabela encarnada em Carmélia. A água exerce, assim, um papel mágico, criando estados de espírito a partir de sua ação sobre o amanuense. Também é por meio de respingos de água empoçada que Belmiro finalmente se dá conta de que seu amor por Carmélia teria de terminar. O encantamento produzido pela bebida e pelo lança-perfume termina

com o respingo de água da chuva, que desperta Belmiro, no evento narrado no parágrafo 92, “Agradeço-vos os salpicos”.

Assustado, quando já não havia perigo, pois o carro parara, dei ridículo salto para um lado. Ouvi risos por detrás do pára-brisa. Eram Carmélia e Jorge. Muito confuso, fiquei a passar as mãos pela roupa, fingindo-me preocupado com a água de enxurro com que o carro me salpicou.

[...]Lá se foram com seu namoro de lua de mel. Já não é donzela, nem Arabela. Para que me aparecem? Por que exatamente a mim? Secretas intenções do acaso, eu vos agradeço, humildemente, os salpicos. (ANJOS, 2002, p. 225-226)

O estado “oceânico” de Belmiro inicia-se com o encantamento do baile de Carnaval, quando Belmiro mergulha no infinito das águas, em seu sonho quixotesco, amando Carmélia. É por isso que o Belmiro oceânico identifica-se com o mito fáustico, com as questões eternas. O mar é associado ao amor por Carmélia, também pela canção “Torna a Surriento”¹, ouvida por Belmiro antes mesmo de

¹ “Torna a Surriento”, canção napolitana, composta por Ernesto De Curtis e Giambattista De Curtis, em 1902, da qual o site <http://wonzone.com/sorrento.htm>, acessado em 26/05/2009, apresenta duas versões de letras, a de dialeto napolitano e a italiana oficial:

Versão 1

*Vide 'o mare quant'è bello!
Spira tantu sentimento.
Comme tu a chi tiene mente
ca scetato 'o faie sunna'.*

*Guarda, gua' chistu ciardino;
siente, sie' sti sciure arance.
Nu prufummo accusi fino
dinto 'o core se ne va...*

*E tu dice: “l' parto, addio!”
T'alluntane da stu core...
Da la terra de l'ammore...
Tiene 'o core 'e nun turna”?*

*Ma nun me lassà,
nun darne stu turmiento!
Torna a Surriento,
famme campa”!*

*Vide 'o mare de Surriento,
che tesoro tene nfunno:
chi ha girato tutto 'o munno
nun l'ha visto comm'a ccà.*

Versão 2

*Guarda il mare com'è bello!
Spira tanto sentimento.
Come il tuo soave accento,
che me desto fa sognar.*

*Senti como illeve salle,
dai giardini odor d'aranci,
Un profumo non v'ha eguale
per chi palpita d'amore.*

*E tu dici io parto addio,
T'allontani dal mio cuore,
questa terra del amore,
hai la forza di lasciar.*

*Ma non mi fuggir,
Non dar mi piu tormento,
torna a Sorrento
non farmi morir*

conhecer a moça. No parágrafo 10, “Uma casa, numa rua”, Belmiro tece reflexões acerca do acaso, que acaba, no final, por se revelar como uma trama secreta que, encadeando os acontecimentos, traz as aproximações humanas, por mais rápidas ou fortuitas que sejam.² Belmiro recorda que, dois anos antes, passava pela Rua Paraibuna, à noite, quando fora atingido por duas impressões nítidas, uma de ordem auditiva e outra, olfativa. Esta última fora liberada pelo perfume da dama-da-noite, de alto poder evocativo. Já a impressão auditiva fora despertada pela canção “Torna a Surriento”, cantarolada por uma voz feminina, que vinha de dentro da casa em cujo jardim florescia a dama-da-noite. Apenas dois anos depois é que o amanuense volta à mesma rua, acompanhado de Glicério, para uma visita de pêsames a um companheiro da Seção que perdera a filha. Então, reconhece que a voz ouvida era de Carmélia Miranda, cujo nome é-lhe revelado por Glicério.

Apenas no parágrafo 45, “Extraordinárias declarações de Glicério”, é que o rapaz revela uma conversa tida com Carmélia, a respeito do acontecimento do Carnaval, em que Belmiro tivera a visão da donzela Arabela. Segundo Glicério, Carmélia referira-se ao amanuense como “um homem de *pince-nez*, magro, alto, meio maduro”, que “estava muito triste, olhando o salão como se olhasse para o mar”. Essas declarações dão origem à denominação “Belmiro oceânico”, título do

*Guarda attuorno sti serene,
ca te guardano 'ncantate
e te vonno tantu bene...
Te vulessero vasa'.*

*E tu dice: “l' parto, addio!”
T'alluntane da stu core...
Da la terra de l'ammore...
Tiene 'o core 'e nun turna'?*

*Ma nun me lassa',
nun darne stu turmiento!
Torna a Surriento,
famme campa'!*

² Também o acaso está ligado ao movimento marítimo. Por meio de um trecho do poema “interrogação”, de Emílio Moura, o Belmiro sonhador apresenta um dos temas do romance, a questão do acaso na vida do amanuense, que é conduzido pelas ondas, pelos acontecimentos.

“ – Senhor, são os remos ou são as ondas o
que dirige o meu barco?
Eu tenho as mãos cansadas
e o barco voa dentro da noite.” (ANJOS, 2002, p. 226)

parágrafo 46, em que o amanuense busca ridicularizar Carmélia, por seu “romantismo aguado” (mais uma referência às águas):

Quanto à rebuscada frase - “Estava muito triste, olhando o salão como se olhasse para o mar – deu-me compensações. Era de um romantismo aguado e soava ridiculamente”.

Procurando tirar desforra, considere que uma jovem que diz frases semelhantes não pode deixar de ter, também, um álbum onde colherá pensamentos de mocinhos tolos, de seu círculo. Deve ser das tais que colecionam autógrafos, e seus autores franceses (a que Glicério aludiu de um modo geral, sem mencionar nomes) hão de ser Delly e Ardel. (ANJOS, 2002, P. 129)

Passadas as mágoas, ao compreender que talvez Carmélia tivesse mesmo um temperamento romântico, e que pensasse muito no mar, o “Belmiro oceânico” aceita e assume essa identidade. O mar, já referido na canção “Torna a Surriento”, passa a ser o símbolo do amor do amanuense por Carmélia, por trazer à tona faces até então desconhecidas de Belmiro. O mar simboliza o seu lado romântico, sendo que o oceano Atlântico exerce um poder de atração sobre o amanuense apaixonado.

Um Belmiro oceânico, irremediavelmente oceânico, eis o que Carmélia pressentiu em mim, denunciando-me a existência de Belmiros ainda inexplorados. Há muitos anos que não vejo o nosso irmão Atlântico, às vezes tão bravo e sombrio quando bate no Arpoador. Voltarei a conversá-lo um dia, quando isso me seja possível. (ANJOS, 2002, p. 130)

A então capital brasileira exerce uma ação poderosa no imaginário Belmiriano, trazendo à lembrança leituras importantes: “O Rio antigo traz-me imagens machadianas que amei na adolescência”. (ANJOS, 2002, p. 200) Caminhando em direção à Biblioteca Nacional, o morador da Rua Erê quase é atropelado por um ônibus, mas felizmente é salvo por um “irmão dalém-mar”, forte e musculoso, que contrasta com o oceânico Belmiro, ligado às coisas eternas e imaginárias. Por estar “além do mar”, o português está atento ao que acontece nas ruas; tem os pés no solo, e forças nos músculos.

Essa relação entre o mar e o amor é profundamente analisada pelo amanuense, durante sua viagem ao Rio de Janeiro. Com o intuito de assistir à

partida de Carmélia e Jorge, aprofunda-se ainda mais nas águas, pois viaja para sofrer, provando que ama a moça, mais que o mito. É envolvido pelas águas, entregando-se aos domínios do sonho.

Que tal uma ida ao Rio, para assistir ao embarque, com grande indiferença? Ora, seu Belmiro, basta a idéia de ir ao Rio para excluir a de indiferença. Fique sossegado na Rua Erê e deixe-se de histórias. Lembre-se daquele arranjo seu: “o mito Arabela”. Para todos os efeitos, você amou o mito e não a moça. Estabelecido que uma coisa não é outra, fique com o seu mito e deixe a moça passear. Seja lógico, como o Jerônimo. Ou então declare-se de uma vez. Diga que ainda ama a Carmélia, humanização do mito, etc. Nesse caso, torna-se razoável uma ida ao Rio, para assistir à partida, isto é, para torturar-se. Masoquismo espiritual. Sim, você não passa disso: um masoquista. (ANJOS, 2002, p. 195)

O parágrafo 80 é todo dedicado às “Vozes atlânticas”, que dão título à sequência de reflexões. O mar, que a tudo envolve, traz o som que se ouve diretamente com a alma, a voz da natureza. Sendo o mar o portador de grandes mistérios, cujos sons dominadores devem se assemelhar aos das trombetas do Juízo Final, Bachelard declara, como Belmiro, que “a água é a matéria da morte bela e fiel”. (BACHELARD, 2002, p. 69)

Recuei instintivamente.

Parecia que do mar me vinha qualquer mensagem, inexprimível por palavras, e contudo inquietante. Uma grande voz confusa se erguia do fundo das águas, arrastando-se como um trovão longínquo. As trombetas do Juízo Final deverão ser, assim, a um tempo distantes e próximas, surdas, mas dominadoras. Ouvi-las-emos é dentro da alma, sem a interferência dos sentidos, tal como ouvimos a voz do mar. (ANJOS, 2002, P. 203)

O verdadeiro Belmiro, poderoso e elementar, surge ao se encontrar com o mar, revelado pelo seu contato com a eternidade e imensidade do Atlântico. Em seu lugar essencial, o sonho, sente-se como que integrado ao universo. Como comenta Bachelard, o herói do mar é um herói da morte. “O primeiro marujo é o primeiro vivo que foi tão corajoso como um morto”. (BACHELARD, 2002, p. 76) Assim também Belmiro, confrontando o mar, os seus sonhos românticos, encontra a sua verdadeira essência, a eterna.

Eis que surgiu um Belmiro poderoso e elementar. Um Belmiro dominador, atlântico, ao pé do qual o pobre Belmiro, sufocado entre montanhas, era um verme a rastejar. Esse Belmiro avultava cada vez mais no espaço e percorria o tempo, devassando todas as idades... (ANJOS, 2002, p. 203)

Após a partida do navio Oceânia, o amanuense sente-se vazio, certamente pelo afastamento de Carmélia, mesmo procurando negar o fato o tempo todo, tentando convencer a si mesmo de que seu amor era apenas pelo mito. De fato, o mar, assim como o amor por Carmélia, representam o insólito na vida do amanuense. As novidades, no plano das amizades e do amor, surgidas no ano de 1935, são comparadas às ondas do mar, sempre renovadas, contrastando com a paisagem montanhosa, sem tantos mistérios, na opinião de Belmiro.

Entretanto, senti-me vazio pelo resto do dia. Tive a impressão de que me haviam roubado qualquer coisa. Andei, andei, mas sempre retrocedendo para o mar, que me atraía. Preciso voltar para Minas. O mar me perturba. A paisagem, onde entram o rio e a floresta, está presa a uma condição melancólica: foi feita para ser vista apenas uma vez. Margeei longamente, numa viagem, um grande rio. Na luta para alcançar o mar, ele descobria o que de mais surpreendentemente belo tenho visto em perspectivas naturais. Ao voltar, depois, pelo mesmo caminho, apiedei-me do rio, da floresta e da serra. Foram feitos para ser vistos apenas uma vez. Já nenhum interesse nas praias fluviais, onde o sol caía reto, fazendo resplandecer miríades de cristais. Tornaram-se coisas velhas, coisas vistas. Pareceu-me que desde cem anos eu as contemplava. Não assim o panorama do mar, que é vário e a cada instante se renova. Cada onda lhe traz formas novas, cada vaga, traços novos de vida. (ANJOS, 2002, p. 203)

Sendo obrigado a deixar o Arpoador, para retomar seu trabalho, regressando a Belo Horizonte, ressentido por ter de abandonar o seu ideal, o seu sonho marítimo.

Deixando o Arpoador, senti-me lúcido e triste, como o marinheiro do poeta. Ficaram-me desejos confusos de amor e de aniquilamento. Se ao menos o amor se definisse, teríamos um sentido. Mas, que sabemos do amor? Impossível fixá-lo, encontrar-lhe a expressão real, permanente. Ele se compõe da variedade e da ondulação. Percorre todas as gradações, e seu objeto é ora fixo, ora móvel, ora uno, ora múltiplo.

Ainda estou a ouvir, como a uma sinfonia wagneriana, as vagas que batem no rochedo. A voz do grande parálítico. (ANJOS, 2002, pp. 204-205)

O Belmiro oceânico possui claras relações com o “sentimento oceânico” exposto por Freud em seu estudo *O mal-estar na civilização*. Não chegando a contestar inteiramente as ideias de seu amigo, o poeta Romain Rolland, Freud acredita que o chamado “sentimento oceânico” exista, embora em “outras pessoas”, mas que não seria a fonte para a necessidade da religião, contrariando o que afirma Rolland. Segundo este, trata-se de “um sentimento peculiar, que ele mesmo jamais deixou de ter presente em si, que vê confirmado por muitos outros e que pode imaginar atuante em milhões de pessoas.” (FREUD, 1997, p. 9)

Trata-se de um sentimento que ele [Rolland] gostaria de designar como uma sensação de “eternidade”, um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras – “oceânico”, por assim dizer. Esse sentimento, acrescenta, configura um fato puramente subjetivo, e não um artigo de fé; não traz consigo qualquer garantia de imortalidade pessoal, mas constitui a fonte da energia religiosa de que se apoderam as diversas Igrejas e sistemas religiosos, é por eles veiculado para canais específicos e, indubitavelmente, também por eles exaurido. Acredita ele que uma pessoa, embora rejeite toda crença e toda ilusão, pode corretamente chamar-se a si mesma de religiosa com fundamento apenas nesse sentimento oceânico. (FREUD, 1997, p. 9-10)

Freud compreende, pela explanação do amigo, que se trata de “um sentimento de vínculo indissolúvel, de ser uno com o mundo externo como um todo”. (FREUD, 1997, p. 10) Esse vínculo indissolúvel que se estabelece entre o ser humano e o universo, Mircea Eliade identifica como o “sagrado”, em seu livro *O sagrado e o profano*. Eliade comenta que o homem ocidental moderno experimenta um mal-estar diante de manifestações do sagrado, tais como as hierofanias, porque nelas, certos elementos da natureza revelam algo que já não é o próprio elemento, mas o sagrado, o *ganz andere*. O sagrado corresponde à realidade por excelência. Para o “homem religioso”, como Eliade denomina o homem em que atua o sagrado, o espaço não é homogêneo, apresentando roturas, quebras, diferenciando-se entre si pela existência de espaços sagrados, fortes, significativos, de um lado, e espaços não-sagrados, amorfos, de outro. Assim como Rolland, Eliade considera o homem

possuidor do chamado “sentimento oceânico” como um homem religioso. Dessa forma, Belmiro, como “homem religioso”, ou seja, não dessacralizado, tem consciência da realidade eterna, representada, mais amplamente, pela imagem do mar, o espaço sagrado portador de múltiplos significados, como o de eternidade, vida, morte e amor. O seu encontro com o mar configura uma hierofania, quando se manifesta uma ruptura na homogeneidade do espaço, além de uma revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não-realidade da extensão envolvente. Por isso Eliade afirma que a manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. (ELIADE, 2001, p. 26) Para fundá-lo, é necessária a aquisição de um ponto fixo. Belmiro possui esse ponto fixo, que equivale ao “Centro do Mundo”, que é o oceano Atlântico. Existem outros locais sagrados, os da infância, em que o amanuense estabelece seus pontos fixos, porém o mar sobrepõe-se aos espaços anteriores, por ser originado do amor nascido no ano de 1935.

O sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade. O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão. (ELIADE, 2001, pp. 31-32)

Sendo o homem religioso sedento de real, tem necessidade de mergulhar no Tempo sagrado e indestrutível, da eternidade. Em sua viagem ao Rio de Janeiro, a pretexto de trabalho, Belmiro procura convencer a si mesmo de que viajara apenas para fazer um relatório e para ver o mar, quando na verdade o seu intento era acompanhar a partida do navio Oceânia, no qual viajariam os recém-casados Carmélia e Jorge, que o atraem tanto quanto o mar.

Estaremos amando neste momento? Creio que não. Sofremos apenas uma geral melancolia, mista da aflição de ver consumados o casamento e a partida. Examinando as coisas a fundo, não teremos vindo somente pelo amor. Havia, também, a necessidade de rever o Rio (seis anos sem o ver) e de espiar o Atlântico. Nossos amigos cariocas não sabem o que vale o mar para nós, de Minas. (ANJOS, 2002, pp. 199-200)

O amor retraído de Belmiro, relacionado com o mar, pode ser melhor explicado por Aníbal Machado, em seu texto “Esboço de Retrato”, no qual o escritor procura delinear as características psicológicas do homem mineiro, contrapondo o habitante da montanha ao do litoral. Segundo Machado, os “Amanuenses Belmiro” ocorrem com freqüência em certos meios graves da pequena burguesia. A passagem citada faz referência às sereias, habitantes do mar.

Se o mundo lhe faz novas provocações (e estas sempre voltam), o mineiro resiste, nunca se privando porém deste prazer sutil que é acompanhar com volúpia o jogo do diabo no teatro íntimo de sua própria consciência. Como Ulisses, amarra-se ao mastro da prudência ao atravessar a zona das sereias; passado o perigo, dá-se ao gosto de evocar as visões perturbadoras da travessia. São orgias secretas no campo subjetivo. (MACHADO, 1965, pp. XXVIII-XXIX)

“Pouco aventureiro e sedentário, sente o mineiro a nostalgia da aventura e das viagens: a toponímia de seus povoados e acidentes geográficos está cheia de sugestões marítimas”. (MACHADO, 1965, p. XXIX) Assim define Aníbal Machado a personalidade do mineiro, ilustrando com perfeição o caráter de Belmiro, que se encanta e se sente atraído pela imensidão e pelas ondulações oceânicas. O mar exerce forte fascínio sobre os habitantes de Minas, que se sentem atraídos pelo movimento, que contrasta com a estabilidade da montanha. “Estabilidade de montanha, movimento de mar: não se tire daí sejam sempre lentos os homens das altitudes e buliçosos os da planície ou do litoral”. (MACHADO, 1965, p. XXVII)

Concluindo, configuram-se, no romance, dois níveis de realidades: o cotidiano, composto pela vida pacata de amanuense – seu trabalho, sua casa e seus amigos – e o quixotesco – representado pelo mar, além dos livros e das músicas – níveis que compõem a personalidade contraditória de Belmiro. O Belmiro oceânico simboliza o lado quixotesco do amanuense, revelado pela embriaguez provocada pela bebida, bem como pela leitura, pela música e pelo amor por Carmélia.

Retratadas de formas diversas, as águas guardam sua relação com o amor e o eterno. Seja em forma de bebida, de águas do mar ou da chuva, exercem profundo efeito sobre as emoções de Belmiro, estabelecendo seu estatuto de elemento mágico, encantatório. Até mesmo quando referido na canção “Torna a Surriento”, mesmo que de relance, Cyro dos Anjos sabe aproveitar ao máximo o

poder evocativo dessa simples referência, que traz uma bela associação entre o mar o amor, tal qual ocorre no sentimento oceânico de Belmiro.

Referências

ANJOS, C. dos. *O amanuense Belmiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 2002.

BACHELARD, G. *A psicanálise do fogo*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *A água e os sonhos*. Trad. Antonio de Paula Danesi; Revisão da tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DE CURTIS, Ernesto; DE CURTIS, Giambattista. “Torna a Sorrento”, disponível em <<http://wonzzone.com/sorrento.htm>> . Acesso em 26/05/2009.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MACHADO, Aníbal M. *João Ternura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

MOURA, Emílio. *Itinerário poético: poemas reunidos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.